

A ESCOLA SUBSISTE A UM MUNDO COLONIZADO? REFLEXÕES FILOSÓFICAS ACERCA DA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO POLÍTICO NO CONTEXTO ESCOLAR.

Débora dos Santos Góis Gondim¹
Karoline Torres Ferreira Sabry Monroe²

RESUMO

O texto que se apresenta reflete um dos colapsos da vida humana: a perversidade da ideologia colonial que perpassa pela subjetividade, direito e liberdade de determinados seres humanos. Os escolhidos para serem destituídos de seus corpos, culturas, saberes e humanidade. Consideramos que as relações humanas, a memória, valores e ação política estão distanciando-se do pensar e da experiência do ser humano e nesse contexto, acreditamos que a escola aparece como um espaço de ação política no sentido de confirmação da pluralidade humana e de questionamento de práticas de manipulação perpetuadas por décadas entre as relações humanas, de pensar o mundo sob diversas perspectivas, e de abandonar o caráter simplório formativo para o de oportunizar experiências vivas. Nesse sentido, questionar a desumanização pela colonização, racismo e demais formas perversas de exclusão e estranhamento, torna-se necessário uma escola como espaço de ação política. Para tanto, baseamo-nos nas obras de Arendt (2012), Freire (1987), Duarte (2000), Erico (2023), bem como nas interpretações de Fanon (2021), Figueiredo (2012), Mészáros (2008) e Maia (2023), Bento (2022) e Gonzales (1982). Nossa compreensão sugere que os saberes docentes também são colonizados e precisam transformar-se em discussões de mundos, ampliando o debate para a ação e experiência política do ser humano, visto que consideramos a escola como um dos principais cenários do exercício da decolonialidade.

PALAVRAS - CHAVE

Colonialidade; Política; Escola; Pluralidade.

Partimos do pressuposto que estamos vivendo em uma sociedade dita pós-moderna, onde os sujeitos desta tal “modernidade” têm alguns de seus direitos básicos subtraídos. Importante salientar, que este evento não deve ser considerado como um fenômeno local, desvinculado das denúncias que o século aponta. A partir deste contexto, observamos a escola como um espaço que por vezes não oportuniza ações de liberdade dos sujeitos, educadores e educadoras, que separam a leitura de mundo, a cultura dos (as) estudantes, do conhecimento e da experiência trazidas pelas ciências, apontando o que Freire

¹Mestranda em Filosofia Social e Política pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora da Rede Municipal de Educação de Fortaleza.

²Mestre em Linguística aplicada pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Rede Municipal de Educação de Fortaleza.

(1987) nomeia de uma desumanização do ser enquanto sujeito, que vai perdendo sua subjetividade por comportamentos impostos por uma ideologia.

Testemunhamos contudo, uma escola que ainda busca a hegemonização, um currículo padrão, que tem raízes na cultura tradicional, colonizadora e eurocêntrica, onde determina-se o comportamento e os direitos dos sujeitos oprimidos, que por vezes, nem se reconhecem como tal, onde suas relações ainda encontram-se baseadas na submissão e aceitação de comportamentos impostos.

Freire (2004) afirma que não se pode ser educador (a) sem se decidir, contextualizando que a escola jamais pode ser neutra, especialmente quando se trata da escola pública municipal e/ou estadual, que tem como membros de sua comunidade escolar, pluralidades que encontram-se, por vezes, impedidas da oportunidade de colocar-se no mundo como seres críticos e como seres humanos que exercem a liberdade da ação política.

Pensar a escola a partir da superação de uma educação de comunicação e relação tradicionais, onde os (as) educadores (as) assumem uma postura de "transmissor do conhecimento" é urgente e relevante, pois entendemos diante de toda limitação desta prática, que essa perspectiva sustenta o caminho para a manutenção colonizadora, que muda com o passar dos anos somente por aspectos subjetivos, muitas vezes imperceptíveis às massas desatentas à postura de reprodução, assumindo assim, diversos rostos, meios de condução e manutenção de suas estruturas, ajudando assim, na manutenção das figuras do opressor e do oprimido.